



## A Transformação do Território a partir da Transição da Agricultura Convencional para a Agricultura Agroecológica: O Caso de Agudo/RS

### The Transformation of the Territory from the Transition from Conventional Agriculture to Agroecological Agriculture: The Case of Agudo/RS

Valquiria Conti<sup>1</sup>; Ivanio Folmer<sup>2</sup>; Carmen Rejane Flores<sup>3</sup>

<sup>(1)</sup>ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1558-1859>. Doutoranda em Geografia na Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, e-mail: [vauconti@gmail.com](mailto:vauconti@gmail.com).

<sup>(2)</sup>ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7433-6434>. Doutorando em Geografia na Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, e-mail: [ivaniofolmer@yahoo.com.br](mailto:ivaniofolmer@yahoo.com.br).

<sup>(3)</sup>ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5879-2042>. Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, e-mail: [carmenrejanefw@gmail.com](mailto:carmenrejanefw@gmail.com).

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 28/07/2021; Aceito em: 30/07/2021; publicado em 01/08/2021. Copyright© Autor, 2021.

**RESUMO:** Este texto tem como temática central as vivências dos agricultores familiares camponeses, em processo de transição da agricultura convencional para a de base agroecológica, no município de Agudo/RS. Partindo da dicotomia entre a agricultura moderna e a agricultura de base ecológica, a presente pesquisa pretende compreender como se dão as vivências dos agricultores em transição agroecológica no município de Agudo. Objetiva-se conhecer as estratégias agroecológicas nas unidades de produção familiar em questão. Através de investigação qualitativa, observação sistemática, e entrevista semiestruturada e o caderno de campo, podemos conhecer a realidade do processo de transição. A transição cria alternativas que apoiam o processo de transformação da agricultura, com enfoque sustentável. A transição agroecológica no município, ocorre entre famílias que, em geral, estiveram relacionadas ao cultivo do fumo. Sendo estas famílias, as que possuem maior interesse em ascender na busca pela produção agrícola de base ecológica. As famílias em questão estão dando o primeiro passo em direção a um processo de transição para um modelo de base ecológica, que busca a sustentabilidade do meio ambiente e também das famílias que vivem no meio rural.

**PALAVRAS-CHAVE:** agricultura ecológica, sustentabilidade social, transição, vivências, agricultores familiares camponeses, território.

**ABSTRACT:** This text has as main theme the experiences of family farmers, in the process of transition from conventional to agro-ecological agriculture, in the municipality of Agudo /RS. Starting from the dichotomy between modern agriculture and ecologically based agriculture, the present research aims to understand how the experiences of farmers in agroecological transition in the municipality of Agudo take place. The objective is to know the agroecological strategies in the family production units in question. Through qualitative research, systematic observation, and semi-structured interviews and the field notebook, we can get to know the reality of the transition process. The transition creates alternatives that support the process of transforming agriculture, with a sustainable focus. The agroecological transition in the municipality occurs between families that, in general, were related to the cultivation of tobacco. These families are the ones that have the greatest interest in ascending in the search for ecologically based agricultural production. The families in question are taking the first step towards a process of transition to an ecologically based model, which seeks the sustainability of the environment and also of families living in rural areas.

**KEYWORDS:** ecological agriculture, social sustainability, transition, experiences, peasant family farmers, territory.

---

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este texto estrutura-se a partir da reflexão sobre a transformação do território, através da sustentabilidade contextualizada pela transição para a agricultura de base ecológica e dos desafios, no que tange os aspectos ecológicos, econômicos e socioculturais. Página | 3375

O delineamento do território pode acontecer com o enfrentamento, e o posicionamento frente à opressão, nesse sentido, a agroecologia surge como um novo paradigma, ainda que esteja em construção, entretanto, representa uma ruptura do modelo produtivista, baseado na Revolução Verde e como uma orientação na produção e na circulação do conhecimento na agricultura (Gomes, 1999), capaz de transformar o território. A Revolução Verde, segundo (Martins 1999), surge no espaço rural brasileiro em meados dos anos 1960 e 1970. Estes trouxeram consigo pacotes tecnológicos, os quais incentivaram a monocultura em larga escala, para a produção de commodities, bem como a introdução de culturas geneticamente modificadas e híbridas, e o intenso uso de agrotóxicos e químicos.

Além disso, o emprego de máquinas agrícolas acarretou o empobrecimento e exclusão de um número importante de famílias de agricultores. Este fenômeno resultou não apenas em prejuízos só no âmbito econômico, mas social e cultural, pois, durante este processo, numerosos saberes, técnicas e culturas tradicionais deram espaço ao saber e às culturas produzidas e comercializadas por indústrias sementeiras. A soberania alimentar dos povos se viu também ameaçada, ao passo de que as unidades de produção familiar foram se introduzindo neste modelo de modernização. Torna-se um território construído a partir da ideia hegemônica trazida pelo sistema capitalista de produção.

Diante das transformações na agricultura, com enfoque nas questões econômicas, frente às questões sociais e ambientais, o paradigma agroecológico surge como uma proposta antagônica à agricultura convencional. Sua práxis tem como intuito resgatar e dar força e protagonismo aos saberes, técnicas e práticas locais, que estão relacionados ao viver e ao produzir destes agricultores. Tais práticas são de fundamental importância para garantir a autonomia destes sujeitos, garantindo desse modo acesso e permanência no território.

---

É possível classificar a agricultura de base ecológica de duas formas, uma que se aproxima dos nichos de mercado e das parcelas corporativas da produção em larga escala; o outro viés é de caráter político e cultural, no qual o interesse está ligado na preservação da saúde, do ambiente, buscando a autonomia e a soberania alimentar<sup>1</sup>. Os sujeitos da presente pesquisa se adequam a esta última denominação, uma vez que, mesmo estando no estágio inicial de transição agroecológica, pretendem, de forma progressiva, melhorar e adaptar o modo de produzir, a ponto de serem considerados agroecológicos. Página | 3376

Este texto objetiva entender como agricultores familiares camponeses de Agudo vivenciam o processo de transição agroecológica pelo qual estão passando. Para a efetivação desse texto, elencamos uma pesquisa baseada na abordagem qualitativa, buscando compreender o fator motivador desta opção de agricultura. Tal abordagem deve ser ressaltada, diante às dificuldades e essencial contribuição para a verificação, análise e diagnóstico referente à temática abordada. Chizzotti (1991) afirma que “O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem os objetivos de pesquisa, para extrair deste convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível, e após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em seu texto, os significados patentes ou ocultos de seu objeto de pesquisa.” (CHIZZOTTI, 1991: p 201)

Durante o trabalho de campo realizado nas propriedades das famílias em transição agroecológica no município de Agudo, realizou-se além das entrevistas, a observação sistemática e uso do caderno de campo. “Na observação sistemática, o observador sabe o que procurar o que carece de importância em determinada situação; deve ser objetivo, reconhecer possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe. Vários instrumentos podem ser utilizados na observação sistemática: quadros, anotações, escalas, dispositivos mecânicos, etc” (MARCONI E LAKATOS, 2010: p78)

---

<sup>1</sup> Constitui-se como o direito dos povos a ter acesso a alimentos nutritivos e produzidos de forma sustentável. Entende-se que, para o povo ser soberano e protagonista de seu próprio destino, o povo deve ter condições, recursos e apoio necessários para produzir seus próprios alimentos (CALDART et al. 2012). Para completar tal conceito, Maluf coloca que “Soberania alimentar é o direito dos povos definirem suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o alimento para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e gestão dos espaços rurais. A soberania alimentar é a via para erradicar a fome e a desnutrição e garantir segurança alimentar duradoura e sustentável para todos os povos” (MALUF, 2007, p. 23).

No decorrer do texto foram utilizadas abreviações como “FTA 1”<sup>2</sup>, para fazer referência às falas dos membros da família que participaram da entrevista<sup>3</sup>, juntamente com o número correspondente a cada uma, contudo, os nomes não foram publicitados. Para se referir ao técnico agrícola do escritório da Emater, a quem foi destinada uma entrevista, foi utilizada a abreviação “TAE”.<sup>4</sup>

## REFLEXÕES TEÓRICAS

### A AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA E O TERRITÓRIO

Há uma diversidade de entendimentos acerca dos espaços rurais, que se explica em parte, pelas diferentes formas de ocupação do território, ligadas ao tempo, espaço e culturas. Dessa forma, a delimitação do espaço rural se caracteriza, em alguns casos, por um núcleo que agrupa moradias, instituições públicas e privadas ligadas ao lugar. Em outros casos há maior complexidade em delimitar o espaço rural, devido a dispersão das residências. Independente das delimitações, ambos possuem algo em comum: o agricultor. Tal sujeito se insere como personagem principal no espaço rural (WANDERLEY, 2000).

De modo mais recente, as transformações que tangem o rural, estão ligadas a fatores externos, como as relações políticas e econômicas, em um mundo no qual a globalização da economia avança, trazendo consigo empresas transnacionais que remoldam o campo; e internos, no qual o processo de mudança no espaço rural abarca em uma complementariedade deste para o urbano (WANDERLEY, 2000).

Do ponto de vista teórico, segundo (Wanderley 2003), há uma dificuldade em atribuir valor conceitual à categoria agricultura familiar no Brasil. Com a implantação do PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), a conceituação de agricultura familiar acabou se confundindo com a definição usada por este programa de créditos. Outros autores defendem que a agricultura familiar

<sup>2</sup> Os sujeitos serão diferenciados pelas siglas “FTA 1, FTA 2...FTA 12”.

<sup>3</sup> Foram aplicadas doze entrevistas com membros das famílias em transição agroecológica. As entrevistas foram conduzidas conforme a disponibilidade dos familiares, em algumas entrevistas foi possível reunir toda a família (o casal e filhos). Em geral, apenas um membro estava disponível ou se disponibilizava para participar, devido a sua maior proximidade com as atividades da agricultura ecológica.

<sup>4</sup> Técnico Agrícola da Emater.

corresponde a uma categoria de agricultores que se moldaram em relação a modernização da agricultura, adequando-se as exigências do mercado.

Inegavelmente, há um processo de mudança profunda no rural brasileiro, a qual afeta precisamente as vivências dos agricultores e, em por vezes, a lógica familiar. Porém, para muitos agricultores, a lógica imposta pela modernização da agricultura não se introduz de forma completa na unidade de produção familiar, visto que não reproduz o modelo de empresa capitalista, e sim, o modelo familiar. Mesmo integrada ao mercado, o fato de permanecer familiar evidencia a origem camponesa de sua evolução (WANDERLEY, 2003)

Wanderley (1996) em sua obra nos traz o termo agricultor familiar camponês, ou agricultura camponesa que pode ser entendida como “ Uma das formas sociais de agricultura familiar, uma vez que ela se funda sobre a relação entre propriedade, trabalho e família. No entanto, ela tem particularidades que a especificam no interior do conjunto maior da agricultura familiar e que dizem respeito aos objetivos da atividade econômica, às experiências de sociabilidade e à forma de sua inserção na sociedade global.” (WANDERLEY, 1996: p3)

É dentro desta perspectiva que se centra esta pesquisa, visto a identificação do conceito com os agricultores de Agudo, mais especificamente, os que estão passando por uma transição agroecológica. Contudo, a concepção de agricultura familiar camponesa, vai além da relação propriedade, trabalho e família, ligada aos saberes sociais e a identificação com o lugar e com a agricultura.

Na caracterização dos estabelecimentos rurais, (Wanderley 1996), trata a agricultura familiar camponesa como uma atividade que se caracteriza pelo cultivo da terra nas unidades de produção familiar, utilizando-se de mão de obra familiar. Outra característica importante é o uso de saberes sociais a diversificação da produção, o que auxilia na diminuição de gastos com alimentos, os quais podem ser cultivados pela família, e se aproveita do ambiente que o circunda para suprir suas necessidades.

O território é definido e delimitado pelas relações de poder ( Fernandes, 2009), nesse sentido os territórios rurais, lócus de onde se desenvolve a agricultura camponesa torna-se um fragmento que diminui contantemente no Brasil e no mundo, devido as grandes investidas da hegemonização da agricultura, que acompanha o passo da hegemonização da sociedade, atrelada ao sistema capitalista.

Onde se desenvolve uma agricultura diferenciada, que se dá como resistente ao processo de ocupação do solo cria-se um território completamente diferente dos demais, onde, aprecia-se os saberes tradicionais e a sustentabilidade, do contrário do esperado para o território do agronegócio que prevê que sua terra será voltada para a captação de recurso. De dinheiro. Essa agricultura também é conhecida como modernizadora, que é há instrumentalização tecnológica desde a semente, até o processo de plantio e colheita. Página | 3379

Frente aos problemas ambientais, sociais e econômicos, provocados pela agricultura modernizadora, a agroecologia eclode com o intuito de socializar com os agricultores alternativas ecológicas. Assim, (Gliessman 2000: p54) define a agroecologia em um primeiro momento como um “importante representante do processo de princípios ecológicos no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis”.

Em uma visão voltada para os aspectos socioculturais é aprofundada por Sevilla Guzmán (2002). Este autor, traz a ideia que há a necessidade de a organização agroecológica partir de dentro da comunidade ou unidade de produção. Assim, percebe-se a necessidade da valoração da cultura local, da identidade da comunidade, indo de encontro com o modelo desenvolvimentista da agricultura moderna.

Todavia, (Sevilla Guzmán 2002) e (Caporal e Costabeber 2004) reconhece algumas limitações pelas quais a prática agroecológica tem enfrentado, tais como a supervalorização dos aspectos técnicos, a pouca inclusão de questões socioculturais, e uma visão voltada a questões estritamente agronômicas, tem gerado o que Sevilla Guzmán chamou de agroecologia restrita.

Assim, a produção de produtos orgânicos, que seguem esta lógica, se destina à exportação ou a uma pequena parcela da população que possa pagar por este alto custo. Neste viés, os produtos orgânicos não contribuem para a segurança alimentar dos povos, principalmente das massas marginalizadas pelo sistema capitalista, uma vez que estas são as mais vulneráveis frente a questão alimentar, e os orgânicos ainda são ofertados no mercado a preços muito distantes da maior parte da população.

É possível perceber que a produção orgânica é diferente da agricultura agroecológica. Podemos classifica-la de duas formas, uma, que se aproxima dos nichos de mercado, das parcelas corporativas da produção em larga escala; a outra, é de

caráter político e cultural, focada na preservação da saúde, do ambiente, buscando a autonomia e a soberania alimentar.

A transição agroecológica é uma construção social que surge da compreensão das limitações e os riscos existentes no atual modelo hegemônico. Tal transição cria alternativas que apoiam o processo de transformação da agricultura, com enfoque sustentável. (Altieri 1998) e (Gliessman 2000), abordam o processo de transição agroecológica, o qual se dá de forma gradual, contínua e multilinear. Os autores dissertam sobre a complexidade desta transição, visto que cada agricultor possui uma realidade específica e vivencia graus diferentes de transição. Assim, foram delimitados três níveis fundamentais do processo de transição agroecológica, do mais simples ao mais complexo, sendo eles: o menor uso de insumos, a substituição de insumos até chegar ao redesenho do agroecossistema. O agroecossistema é redesenhado com o intuito de buscar níveis de maior sustentabilidade.

Esta transição, (Costabeber 2006) é um processo gradual de modificações nas formas de manejo dos agroecossistemas utilizados pelos agricultores. É importante que o processo seja construído com o uso dos saberes dos agricultores, bem como, com o auxílio de extensionistas ou educadores da área. As consequências do processo de transição são a preservação do meio ambiente, a redução do custo de produção, o uso de produtos com maior qualidade nutricional e com redução ou ausência de químicos.

Esta nova forma de agricultura não requer apenas uma substituição de insumos e técnicas, requer também uma mudança de valores, práticas e ideias de quem se compromete a praticá-la, em relação ao manejo dos recursos disponíveis (COSTABEBER 2006). O processo de transição não deve ser compreendido como retrocesso, e sim como um caminho rumo ao desenvolvimento rural sustentável.

## **OS AGRICULTORES FAMILIARES CAMPONESES E A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA DE AGUDO: O VIVER**

As famílias que ingressaram no processo de transição agroecológica iniciaram suas experiências há poucos anos. Essas famílias ocupam territórios diferentes ao longo do município, algumas próximas na sede municipal e outras distantes. Cada localidade possui suas especificidades, mas há uma predominância da etnia alemã e italiana nestas

comunidades, bem como nas famílias entrevistadas. Os dialetos locais de origem alemã são identificados em boa parte das famílias, bem como presença da religiosidade.

Um dos principais problemas enfrentados por essas famílias é a falta de sucessores em suas propriedades.

O território agrário de Águdo/RS se mostra, como um território masculino, com a predominância de homens, no campo. Quando o jovem permanece fato na propriedade, esse fator torna-se motivador para o investimento na mesma. O processo de transição agroecológica tem ocorrido de forma positiva nas propriedades, e é perceptível o interesse entre os agricultores de ascender nesta transição, em busca da sustentabilidade social, para que haja equidade, diversidade, interligação, qualidade de vida.

## OS SUJEITOS DA PESQUISA

Durante o trabalho de campo foram entrevistadas 12 famílias que ingressaram no processo de transição agroecológica. Estas famílias foram identificadas previamente pelo escritório municipal da Emater e são agricultores que frequentemente recebem assistência, devido ao processo transitório. As entrevistas ocorreram na propriedade destas famílias. Durante este período foi possível conversar com os agricultores e percorrer parte da área produtiva.

As famílias em transição agroecológica, sujeitos da presente pesquisa, sempre viveram no município de Agudo, salve as famílias identificadas como FTA 2 e FTA 7, que migraram de municípios distintos, como Cachoeira do Sul, Alecrim e Ajuricaba. Das famílias que historicamente residiram em Agudo, algumas migraram de distintas localidades, como a FTA 10, que se mudou em busca de outra atividade agrícola, e, em outros casos, alguns membros da família migraram ao constituírem matrimônio com seus respectivos cônjuges.

Em sua grande maioria, as famílias residem em áreas de terra herdadas de seus familiares, tradição entre as famílias da região. Segundo (Abramovay 1998), assegurar o estabelecimento familiar para os filhos trazia maior garantia na sucessão da agricultura familiar, em décadas passadas. (Spanevello 2008: p51) ainda ressalta que “Na região sul do Brasil, até o final da década de 1960, períodos em que começa a expansão da modernização da agricultura, a sucessão não enfrentava problemas”.



---

As unidades de produção familiar em estudo possuem um tamanho médio de até 15 a 30 hectares. Em geral, as propriedades localizadas em regiões com declividade acentuada possuem maior área, ao contrário das propriedades localizadas nos lugares de várzea, onde as áreas são menores. No entanto, há um aproveitamento melhor da área de várzea, visto que há maiores parcelas aptas para o uso agrícola. O grupo familiar, de modo geral, é composto pelo casal, seus filhos, e em alguns casos, netos. As famílias possuem entre um a três filhos, os quais, de modo geral, ainda estão em idade escolar. Dos filhos que não frequentam mais a escola, alguns permanecem no campo e outros migraram para a área urbana. Destes que permanecem no campo, quase todos são do gênero masculino. A sucessão familiar na unidade parece ser pouco atrativa para os jovens, especialmente para as jovens, neste caso, é preciso considerar a possibilidade dos impactos dos processos sociais como a masculinização e envelhecimento no campo, como enfatiza Spanevello (2008), visto que a população de Agudo é predominantemente rural.

Dentre os filhos que migram para os centros urbanos, a busca é por uma formação superior, geralmente em áreas da licenciatura ou da saúde, com destaque para as meninas. Os meninos migram para os centros urbanos para o alistamento militar ou buscam formação na área técnica ou superior relacionado às ciências agrárias. Os filhos que não estão em idade escolar e permaneceram no campo, vivem distantes da sede do município e abandonaram seus estudos devido à falta de transporte público que os conduzisse até a escola para completarem o ensino médio. Mesmo assim, estes jovens agricultores afirmam que não trocariam a sua propriedade por um emprego na área urbana, pois reconhecem as vantagens e autonomia que eles podem ter no campo<sup>5</sup>. Há um pertencimento ao território, reforçando a ideia de resistência na construção de uma territorialidade.

Apenas os adultos que vivem próximo à sede do município, ou migraram de outras cidades, possuem formação superior. Como a FTA 7, cujo homem estudava teologia e hoje atua como professor de filosofia em escolas municipais de Agudo, auxiliando nas atividades rurais nos horários de folga. E a FTA 8, onde a agricultora possui formação técnica em paisagismo e o homem possui graduação em ciências biológicas. Ambos atuam em sua unidade de produção empregando os conhecimentos adquiridos em seus estudos.

---

<sup>5</sup> Relato obtido através de conversa informal com os filhos da FTA 4.

A mão de obra nestes estabelecimentos é, em geral, familiar. A divisão das tarefas, em geral é feita por sexo, sendo destinado à mulher o trabalho doméstico, o manejo das hortas, das lavouras de cultivo temporário e dos animais. Ao homem é destinado o manejo das lavouras temporárias, dos animais, o manejo com o maquinário. A comercialização, em geral é feita por ambas as partes. A dedicação às atividades relativas à agricultura ecológica, é maior por parte das agricultoras, no entanto todos os membros da família auxiliam nas atividades, mesmo que de uma maneira menos atuante. As crianças e jovens dedicam-se as atividades da agricultura ecológica nos horários em que não estão na escola ou desenvolvendo outra atividade. É possível perceber entre as famílias, o vínculo que as mesmas possuem com a terra e com o lugar. Para eles, a terra é um organismo vivo que generosamente dá a eles tudo o que precisam. Assim, é necessário um manejo que respeite e não agrida o solo e a natureza. Essa ideia é percebida claramente na fala da agricultora: “Acho que no momento que tu não usas agrotóxico, o passo já é enorme, a terra agradece, ela nos presenteia, quanto menos esperamos a terra nos presenteia, pois, dia após dia quando tu vais olhar a horta, é um presente, quando a terra é bem cuidada ela te presenteia, ela te dá em produtos, e a maneira de cuidar dela é não usar agrotóxico (FTA 7 – Diário de Campo, outubro de 2015)”

O fato de não usar agrotóxico ou usar em menor quantidade que antes, é um fato que orgulha as famílias. Sempre que relatam sua vida antes da transição, o uso de agrotóxicos é colocado como algo danoso e prejudicial para a saúde, e o meio ambiente. É possível perceber que o fato de conhecer uma forma de agricultura que seja livre destes químicos é motivo que os deixa animados, como pode ser percebido na fala da agricultora “Ah, hoje eu sou muito mais feliz, deu trabalho no início, mas hoje a mulher mais feliz sou eu cuidando de minhas vacas” (FTA 6 – Diário de Campo – agosto de 2015).

Outro fato que deve ser ressaltado é a modificação na convivência entre os familiares. Segundo as famílias entrevistadas, a relação entre os membros mudou de forma positiva. Para eles, no atual processo de transição eles possuem mais paciência, mais respeito, as brigas diminuíram muito e há mais diálogo entre eles.

Além de interferir no cotidiano familiar, os agrotóxicos também modificavam a paisagem da unidade familiar da FTA 1. O fato de encontrar pássaros mortos durante as aplicações de agrotóxico e hoje perceber que isso não acontece, evidencia um cenário

preocupante frente ao uso demasiado destas substâncias nocivas ao ambiente e a saúde humana.

Estudos que apontam a relação entre morte de pássaros por contaminação de agrotóxicos, são realizados na Holanda. O pesquisador Caspar Hollman (2014) alerta que nas últimas décadas a população de pássaros nas áreas rurais da Holanda tem diminuído drasticamente, pois muitos pássaros se alimentam de insetos que estão em áreas agrícolas, acontecendo assim a contaminação.

Os efeitos de contaminação por agrotóxicos na saúde humana são mais visíveis, como afirma o Dossiê (ABRASCO 2015). Sintomas como os citados pela agricultora da FTA 2, são relatados por todos os agricultores entrevistados nesta pesquisa. Normalmente, as informações obtidas sobre essas nocividades vêm dos dados dos sistemas de informação sobre óbitos, emergências e internações hospitalares de pessoas intoxicadas por esses produtos. A maioria dos casos identificados é por exposição ocupacional ou por tentativas de suicídio (ABRASCO, 2015). Além da exposição aos químicos, a penosidade do trabalho, principalmente em lavouras de fumo.

As famílias relatam uma melhoria na qualidade de vida, principalmente no que se refere ao tempo. Para eles, agora é possível dedicar mais tempo as suas atividades, tanto domésticas, quanto pessoais. A procura por lazer aumentou, bem como a prática de atividades como o artesanato. O casal de agricultores identificados como FTA 10, contam que hoje conseguem dedicar mais tempo em seu relacionamento, como fala o agricultor: “Hoje mudou muito, temos mais tempo para nós, a gente até namora mais, a gente tem tempo de discutir o relacionamento, pois quando a gente plantava fumo nem para isso mais tínhamos tempo, a gente brigava e nem discutia o porquê” (FTA 10 – Diário de Campo, outubro de 2015)

Todas as FTA destacam que houve um distanciamento da comunidade a partir do momento em que eles decidiram ingressar no processo de transição agroecológica. As dúvidas, os questionamentos sobre a veracidade do processo de transição e por vezes o desmerecimento de suas atividades por parte de membros da comunidade acaba segregando estas famílias.

Há necessidade de uma articulação governamental para a comercialização dos produtos também se faz importante para que a agricultura ecológica crie raízes e ganhe mais seguidores. Por vezes, o incentivo vem de estudantes e extensionistas, como o filho da FTA 3.

As famílias relatam que muitos membros da comunidade não acreditam nas mudanças positivas que acontecem na prática da agricultura ecológica. Para as FTA, muitos agricultores em Agudo preferem plantar uma quantidade maior de fumo do que ter uma horta para seu consumo. A comercialização de alimentos é vista, por vezes é vista com desprezo pelos vizinhos, como relata a agricultora: “ Não, não, o pessoal daqui não gosta de apostar muito, pois se eles apostassem estariam juntos conosco e estariam com uma condição de vida melhor. Tem gente que prefere vender apenas o fumo, tem gente que fala que se é para vender uma dúzia de ovos por R\$ 2,00 ou R\$ 3,00, prefere atirar os ovos na parede para vê-los escorrer” (FTA 11 – Diário de campo, outubro de 2015).

O vínculo que estas famílias possuem com o território que estão inseridos com a produção de alimentos sem agrotóxico, com os saberes tradicionais, acaba os unindo, porém, os afasta de agricultores que não possuem os mesmos princípios e visão. Esta aproximação pode ser percebida através da participação dos mesmos em feiras, como a Feira do Produtor de Agudo e a Feira da Economia Solidária, que ocorre em Santa Maria.

Segundo as famílias que comercializam sua produção na Feira do Produtor, a procura por alimentos livres de agrotóxico tem crescido significativamente nos últimos anos. A Feira possui nove anos, e desde o início a FTA 8 e a FTA 9 participam e relatam que é perceptível o aumento na procura por esses produtos.

A relação com o lugar é trazida por (Tuan 1980), que considera o apego que o agricultor familiar possui com a terra bastante forte, pois estes agricultores conhecem a natureza, pois ganham a vida com ela. Esta relação do homem com o seu lugar, vem da dependência material e também do fato de a terra representar a esperança de continuidade de seu trabalho.

É importante destacar que algumas famílias tinham o intuito de migrarem do campo antes de ingressar no processo de transição agroecológico, pois estavam endividados e suscetíveis a crises financeiras. A exploração que as empresas fumageiras exerciam entre algumas famílias, tirou sua perspectiva de ter uma vida digna e tranquila no campo, devido a penosidade do serviço, o que é frequentemente relatado nas falas das famílias quando se referem ao cultivo do fumo.

Outra questão relacionada às suas vivências é a falta de lazer para as mulheres no campo. A FTA 10 coloca esta questão como um ponto que precisa ser melhorado no

campo, principalmente em comunidades mais afastadas, onde o acesso é ainda mais restrito e distante da cidade, onde poderiam participar de atividades que proporcionasse lazer e diversão. Para ter acesso a estas atividades, esta família já cogitou a possibilidade de migrar para outra comunidade, mais próxima da cidade de Agudo/RS, mas ainda no campo.

O vínculo dos filhos com a terra e a atividade agrícola deve iniciar desde cedo. (Spanevello 2008) afirma que uma estratégia para fazer com que os jovens desenvolvam este vínculo é os inserindo, desde crianças, em pequenas atividades relativas à produção. Assim, conforme os filhos são incentivados, os vínculos vão sendo criados, como pode ser percebido na fala da agricultora: “ Eles mostram interesse, o mais velho não tanto, mas ele não discorda.

O do meio e o mais novo que já ajudam a mexer na horta, eles já têm isso enraizado, o filho mais velho, quando viemos morar no interior e viramos agricultores ele já era crescido, parece que não tem muito vínculo com a terra, se ele trabalha duas horas na horta ele já reclama que está cansado, os outros não, o mais novo com oito anos planta verduras comigo, mas ele tem dificuldade em saber o que é a “guia”, então eu falo para ele não enterrar a guia quando planta, mas ele não sabe direito, quando ele planta tem alguns pés que morrem no mesmo dia, mas eu não dou bola, tem que incentivar, tem que ensinar e não cobrar. E ali na horta eles podem trabalhar, não é trabalho infantil, eles trabalham um pouco para aprender, para ter vínculo com a terra, com os pais” (FTA 7 – Diário de Campo, outubro de 2015)

Em muitos relatos é possível perceber o entusiasmo da agricultora e as perspectivas que a família possui para o futuro. Estas perspectivas são importantes, pois mostram que as famílias estão se adaptando e possuem interesse em seguir no processo de transição agroecológica.

## DISCUSSÕES FINAIS

A transição agroecológica no município ocorre entre famílias que, em geral, historicamente estavam relacionadas à cultura do fumo. Sendo estas famílias também, as que possuem maior interesse em ascender na transição agroecológica. A penosidade do trabalho com o cultivo do fumo trouxe consequências danosas para muitas famílias,

como o endividamento da unidade de produção e patologias relacionadas ao contato com os agrotóxicos, citados pelos agricultores familiares camponeses entrevistados nesta pesquisa.

Deste modo, podem-se destacar três principais fatores que levaram os agricultores a ingressar no processo de transição agroecológica: a preocupação com a saúde dos integrantes das famílias e dos consumidores, a intenção de preservação dos recursos naturais; e a busca por incremento na renda agrícola.

No que se refere à conservação dos recursos naturais, observa-se que os agricultores pouco percebem a destruição destes. Embora quando questionados, todos afirmavam realmente se preocupar com os recursos naturais. No entanto, nas visitas as propriedades, pode-se observar que, esta preocupação, muitas vezes, não se efetivava nas práticas diárias. Porém, mesmo diante do exposto, a prática da agricultura ecológica é uma forma de preocupação com os recursos naturais, pois evita a contaminação do solo, água e ar com agrotóxicos e insumos químicos.

Entre as famílias em transição agroecológica, é possível identificar, o uso de sementes crioulas, saberes tradicionais e ausência do uso de agrotóxicos nas culturas destinadas à alimentação da família. Outro fato que pode ser destacado, é a proximidade do município de Agudo com Ibarama, local muito conhecido pelo uso e conservação de sementes crioulas, o que proporciona uma troca de conhecimentos e saberes entre os agricultores.

Quanto às estratégias e técnicas utilizadas pelas famílias para a transição agroecológica, foi possível constatar que todos utilizam saberes tradicionais em sua produção. Somados a estes saberes, as técnicas ligadas a agricultura ecológica são acrescentadas e servem para embasar as práticas agrícolas. Estas técnicas são repassadas pela Emater e pelo MPA e são de grande valia para a ascensão destes agricultores na agricultura ecológica.

Neste sentido, percebe-se a importância de profissionais que conhecem e seguem o viés agroecológico. Este fato vem ocorrendo de forma lenta, mas mais frequente nos últimos anos, pois a discussão sobre a Agroecologia tem se feito presente em algumas universidades, grupos de pesquisa, embora precise avançar muito. Assim, profissionais que seguem o viés agroecológico são essenciais e fazem a diferença no avanço das experiências de transição, mas infelizmente ainda são poucos. A formação

inadequada do profissional é um dos entraves ao avanço da extensão rural agroecológica no Brasil.

A partir dos resultados, ainda é possível enumerar alguns fatores limitantes para a transição agroecológica em Agudo. A cultura mais usada pelas FTA na transição é o morango, porém, as mudas deste morango são cultivadas de forma convencional para a venda; o uso de casca de arroz convencional introduzido na adubação do solo; o uso de caldas feitas com fumo para repelir insetos; a falta de certificação dos produtos; a distância de algumas unidades até a sede do município; a dependência das FTA para com os extensionistas da Emater e MPA; a falta de políticas públicas adequadas às necessidades das famílias e o desconhecimento ou não utilização das existentes; a resistência de vários dos homens em acabar com as produções agropecuárias convencionais.

Como pontos positivos desta transição, pode-se destacar a mudança positiva de vida destas famílias ao ingressarem na transição; a qualidade e soberania alimentar que está ganhando forma a partir desta prática agrícola; a conscientização dos riscos que o contato com agrotóxico pode trazer; a empolgação da equipe da Emater e MPA ao perceberem que estão mudando positivamente a realidade de famílias do município; o interesse de alguns filhos em seguir na transição agroecológica.

Dentre os resultados da pesquisa, é possível inferir que, embora a transição agroecológica caminhe a passos lentos, este processo está mudando a realidade das famílias envolvidas, como também tem incentivado outras. Além disso, observa-se que o trabalho da EMATER municipal e do MPA junto às FTA, é de fundamental importância para que a prática de uma agricultura livre de agroquímicos siga em ascensão.

Na perspectiva territorial pode-se evidenciar que, as FTA's estão em processo de desenvolvimento de territorialidades específicas, a qual se mostra contrahegemonica às investidas de um sistema capitalista de produção. Resistir às forças externas, que tentam dominar o território, é sem dúvida uma ação que merece reconhecimento de todos os segmentos da sociedade.

A consolidação do território por essa territorialidade mostra que o território pode ser visto como espaço de recriação de vida e dos saberes tradicionais, não somente enquanto forma de captação de recurso, em especial com a agricultura hegemônica.

---

## REFERÊNCIAS

1. ABRAMOVAY, Ricardo et al. *Juventude e Agricultura Familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Unesco, 1998.
2. ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 2001.
3. ALTIERI, Miguel. *Agroecologia, as Bases Científicas da Agricultura Alternativa*. Rio de Janeiro: Editora PTA/FASE. 1998
4. CALDART, Roseli Salete. et al. *Dicionário da Educação do Campo*. 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Editora: Expressão Popular, 2012, 788 p.
5. CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências sociais*. São Paulo; Cortez, 1991.
6. CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. *Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para a promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável*. Brasília : MDA/SAF/DATER - IICA, 2004.
7. COSTABEBER, José Antônio. *Acción colectiva y procesos de transición agroecológica en Rio Grande do Sul, Brasil*. 1998. Tese de Doutorado (Programa de Doctorado en Agroecología, Campesinado e Historia) - ISEC-ETSIAN, Universidad de Córdoba, España, 1998. 422 p.
8. COSTABEBER. José Antônio. Transição agroecológica: rumo à sustentabilidade. *Agriculturas: experiências em agroecologia*, v. 3, n.3, 42-47, 2006
9. FERNANDES, Bernardo Mançano. Agronegócio nas Américas: o mito do desenvolvimento e a resistência do campesinato. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – USP*, 2005.
10. FERNANDES, Bernardo Mançano; WELCH, Clifford. Modelos de Desenvolvimento em Conflito: o agronegócio e a via camponesa. In: *Encontro Nacional de Geografia Agrária*, 17, 2004, Gramado. Anais.... 2004. [CD-ROM]
11. GLIESSMAN, Stephen Richard. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. 2. ed. Porto Alegre: Editora Universidade, 2001.
12. GOMES, João Carlos Costa. *Pesquisa em agroecologia: problemas e desafios*. 1999. Disponível em:  
<<http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/AgrobCap5IDczO4tSPBrZ.pdf>> Acesso em: 01 de março de 2015.



- 
13. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.
14. MARTINS, Joel ; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: EDUC/Moraes, 1989.
15. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) E ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA (FAO). *Las nuevas directrices sobre plaguicidas pretenden suprimir más rápidamente las toxinas peligrosas*. Disponível em: <<http://www.fao.org/news/story/es/item/414021/icode/>>. Acesso em 11 de agosto de 2016.
16. QUADROS, Claudemir de. *Brizoletas: a ação do governo de Leonel Brizola na educação pública do Rio Grande do Sul (1959-1963)*. Disponível em <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/56/58>> Acesso em 18 de julho de 2016.
17. SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. A perspectiva sociológica em agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002.
18. SPANEVELLO, Rosani Marisa. *A Dinâmica Sucessória na Agricultura Familiar*. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
19. TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
20. WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. Raízes históricas do campesinato brasileiro. *XX Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu/MG, 1996.
21. WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. In: *Estudos Sociedade e agricultura*, 2000.
22. WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. *Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade*. Disponível em <<http://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2014/06/Texto6.pdf>> Acesso em 16 de março de 2015.